

AGRICULTURA URBANA E PERIURBANA: DINÂMICA SOCIOPRODUTIVA EM HORTAS CUMUNITÁRIAS DE PETROLINA/PE SEMIÁRIDO BRASILEIRO

SILVA, Sheila Daniella Pereira da¹
FREITAS, Helder Ribeiro¹
GONÇALVES-GERVÁSUIO, Rita de Cássia Rodrigues¹
CARVALHO NETO, Moisés Félix de²
MARINHO, Cristiane Moraes³

Recebido em: 2017.05.07

Aprovado em: 2018.04.30

ISSUE DOI: 10.3738/1982.2278.2772

RESUMO: Esta pesquisa aborda a temática da agricultura urbana e periurbana, tendo como objetivo compreender a dinâmica socioprodutiva de duas hortas comunitárias no município de Petrolina-PE. Para isso, foi realizado um estudo de caso, que teve como instrumentos de coleta de dados visitas sistemáticas e entrevista semiestruturada com integrantes das mesmas. Foram caracterizadas duas hortas comunitárias, sendo uma no perímetro periurbano e outra no perímetro urbano do município de Petrolina-PE. Observou-se que todos os agricultores são oriundos de zona rural, e que o perfil etário é composto por pessoas adultas com mais de 40 anos, em sua maioria mulheres, com baixa escolaridade. O cultivo é diversificado contendo hortaliças e ervas medicinais, com a finalidade de suprir as necessidades alimentares da família e gerar renda. Percebeu-se que as hortas comunitárias assumem papel importante na qualidade de vida das pessoas no que tange à produção de alimentos saudáveis e o estabelecimento de relações de solidariedade e troca de conhecimentos entre os grupos de agricultores e as comunidades com as quais se relacionam.

Palavras-chave: Agroecologia. Agricultura urbana e periurbana. Segurança alimentar.

URBAN AND PERIURBAN AGRICULTURE: SOCIO-PRODUCTIVE DYNAMICS IN TWO COMMUNITY GARDENS AT PETROLINA-PE, BRASILIAN SEMIARID

SUMMARY: This research deals with the subject of urban and periurban agriculture, aiming to understand the socio-productive dynamics of two community gardens at Petrolina-PE. For that, a case study was carried out, which had as data collection instruments systematic visits and semi-structured interviews with members of the same. Two community gardens were characterized, one in the periurban perimeter and the other in the urban perimeter of the municipality of Petrolina-PE. It was observed that all farmers are from the countryside, and that the age profile is composed of adults over 40, mostly women, with low schooling. The crop is diversified, where are produced vegetables and medicinal herbs, in order to supply the family food needs and generate income. It was realized that community gardens have an important role in in the quality of people life involved in the production and the community as a whole, regarding the production of healthy food and building relationships between groups and the community.

Keywords: Agroecology. Urban and peri-urban agriculture. Food safety.

INTRODUÇÃO

A Agricultura Urbana e Periurbana (AUP) compreendem atividades de produção ou transformação de produtos agropecuários, desenvolvidas em meio aos centros urbanos ou em sua periferia, respectivamente, tanto para autoconsumo quanto para comercialização. Principia-se no aproveitamento sustentável dos recursos e insumos locais, respeito aos saberes populares, responsabilidade social e

¹ Universidade Federal do Vale do São Francisco

² IMAFLORA.

³ IFSERTÃO-PE e PPGEXR/UFSM

ambiental, coexistência de gêneros e gerações, para melhoria da qualidade de vida das cidades (RICARTE-COVARRUBIAS et al., 2011).

Geralmente, observa-se a sua prática através de hortas comunitárias, onde se cultivam hortaliças, frutíferas, plantas medicinais, aromáticas e ornamentais (FARFAN, 2008; CASTELO BRANCO; ALCÂNTARA, 2011; ARRUDA, 2011; MENDONÇA; 2012; FREITAS et al., 2013). Considera-se horta comunitária, aquela onde um grupo de mais de duas pessoas compartilham um espaço de terra com disponibilidade de água de forma comum de modo a se articular coletivamente os recursos disponíveis ao grupo para viabilizar a produção de hortaliças. De acordo com Farfan (2008), a esse grupo é atribuída a responsabilidade coletiva de vigilância e zelo das fronteiras do terreno, sendo a terra e a água a eles pertencentes ou não. A exploração da área, geralmente está ligada à produção de hortaliças para o autoconsumo, doação e comercialização de excedentes.

Esses espaços produtivos têm por objetivo a geração de trabalho e renda, melhoria no padrão alimentar e socioeconômico das famílias dos horticultores, além de proporcionar melhor aproveitamento de espaços público e/ou privado, muitas vezes abandonados. Essa atividade também permite a formação de microclimas, redução da temperatura, e diminuição da pobreza por meio da produção para consumo da comunidade urbana ou perirubana (ARRUDA, 2006; MONTEIRO; MONTEIRO, 2006) de modo a promover o desenvolvimento de cidades e/ou comunidades/distritos rurais em bases mais sustentáveis.

A AUP através de hortas comunitárias tem sido apontada como uma das práticas promotora da segurança alimentar e nutricional de comunidades (FARFAN, 2008; COUTINHO, 2010; RIBEIRO, 2013) em situação de vulnerabilidade social. Assim, por meio dessas iniciativas, comunidades têm tido acesso a alimentos para o autoconsumo, o que permite uma economia nos gastos com alimentação. A dieta torna-se mais diversificada e há uma melhoria significativa nos hábitos alimentares, além de proporcionar a valorização e recuperação de cultivos tradicionais com alto valor nutritivo (ALMEIDA, 2004). Em Cuba, esta iniciativa se configurou em uma estratégia de Estado de sucesso, a partir da década de 1990, para garantir a segurança alimentar da população no período pós-guerra fria e fim do auxílio soviético que garantia, entre outras coisas, o abastecimento da população cubana (LOPES; LOPES, 2012).

Geralmente, a AUP é realizada com base nos princípios e práticas da agroecologia que são fundamentais para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável. A agroecologia enquanto prática de produção agrícola busca reduzir a dependência de insumos externos ao agroecossistema e maximizar a conservação dos recursos naturais por meio da reciclagem de energia e nutrientes (AQUINO; ASSIS, 2007). Nesta proposta de agricultura, o agroecossistema e seus subsistemas são entendidos como a unidades fundamentais de estudo, nas quais os ciclos minerais, as transformações energéticas, os processos biológicos e as relações socioeconômicas são vistas e analisadas em conjunto (CAPORAL et al., 2009), sem desconsiderar os saberes populares locais.

A prática da AUP tem sido uma tendência mundial como estratégia na construção de cidades sustentáveis em países desenvolvidos e tem ganhado apoio de diversas agências internacionais e organizações governamentais e não governamentais (MONTEIRO; MONTEIRO, 2006). Dados da FAO indicam que já no final da década de 1990 havia 800 milhões de pessoas envolvidas na prática da agricultura urbana e produzindo entorno de 15% dos alimentos consumidos no mundo (MENDONÇA, 2012). Entretanto, poucas delas foram mapeadas e sistematizadas, principalmente em pequenas e médias cidades, seus distritos e núcleos habitacionais, os quais guardam uma relação ainda mais próxima com o modo de vida rural. Em trabalho revisivo, Castelo Branco e Alcântara (2011) identificaram algumas referências a trabalhos com AUP no Brasil e ressalta, dentre outras, a experiência de Petrolina – Juazeiro estudada por Farfan (2008).

Nesse contexto, estudos envolvendo a caracterização socioprodutiva das experiências em

agricultura urbana e mais especificamente das hortas comunitárias se fazem necessários, de modo a promover o reconhecimento do papel socioprodutivo destas experiências (ARRUDA, 2011; CASTELO BRANCO; ALCÂNTARA, 2011; MENDONÇA, 2012). A partir desta compreensão, torna-se possível orientar e instrumentalizar ações da sociedade civil e do governo, que possibilitem investimentos no setor e que promovam o potencial destas experiências na geração de emprego, renda, espaços de sociabilidade e sustentabilidade para as famílias e comunidades envolvidas.

Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo analisar a dinâmica socioprodutiva dos agroecossistemas urbanos e periurbanos do município de Petrolina – PE, representados por duas hortas comunitárias.

MATERIAL E MÉTODO

Esta pesquisa, de caráter exploratório, foi desenvolvida na região do Submédio do Vale do São Francisco, município de Petrolina, PE, no ano de 2014. Embora o planejamento das pesquisas exploratórias seja bastante flexível, via de regra obedecem aos seguintes passos: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que vivenciam a experiência do problema de pesquisa; e (c) análise (SELLTIZ et al., 1967).

O trabalho teve início com uma revisão de literatura quanto aos conceitos e fundamentos pertinentes à agricultura urbana, bem como consulta aos relatórios de atividades do Núcleo de Pesquisas e Estudos Sertão Agroecológico (NUPESA) - CNPq da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) junto a grupos e iniciativas de agricultura urbana e periurbana nos municípios de Petrolina e Juazeiro.

A fase da investigação referente ao levantamento de informações em campo ocorreu através de aproximações sucessivas em visitas e atividades periódicas às hortas em processos de intervenção promovidos pelo NUPESA, no contexto de processos de pesquisa-ação por sua proposta interventiva como ressalta Thiollent (2004). Além disso, também foram realizadas entrevistas semiestruturadas conforme orienta Triviños (1987), as quais tiveram como sujeitos alguns integrantes das hortas em análise. As entrevistas serviram como guia orientador para o início e sequência à coleta de informações, enquanto as respostas dos entrevistados serviram para levantar novas perguntas que não constavam no roteiro. Dessa forma, foi possível a aproximação com os agricultores e compreensão da dinâmica socioprodutiva das hortas.

A escolha das hortas, para a realização do estudo de caso, deu-se pela necessidade de avaliar diferentes realidades socioprodutivas pertinentes à AUP, praticada no município de Petrolina-PE, com base no trabalho prévio de pesquisa-ação do NUPESA com os agricultores (as) das hortas comunitárias. Além disso, utilizou-se como critério de escolha das hortas envolvidas no trabalho a mesma estratégia adotada por Farfan (2008) em um primeiro trabalho realizado junto a hortas urbanas de Petrolina. Nesse sentido, foram consideradas hortas comunitárias aquelas em que houvesse um grupo acima de duas pessoas de diferentes famílias, compartilhando um mesmo espaço de terra com disponibilidade de água de forma comum, com o objetivo de produção de hortaliças para seu consumo, doação e comercialização de excedentes. Desse modo, foram escolhidas duas hortas para realização do trabalho: uma horta comunitária localizada no núcleo habitacional do Assentamento Mandacaru, que fica situado às margens da rodovia BR 407, vizinho ao Perímetro Irrigado Nilo Coelho e uma horta urbana (Grupo Hortovale) localizada no bairro João de Deus, no perímetro urbano de Petrolina, sendo ambas as hortas certificadas como estabelecimento de produção orgânica.

A análise dos dados se deu de forma qualitativa, levando-se em consideração a especificidade dessa pesquisa. A interpretação propriamente dos dados partiu da sistematização e posterior triangulação

dos dados primários e secundários com o campo teórico/conceitual (TRIVIÑOS, 1987). Nesse último passo desta pesquisa-ação foram articuladas as informações coletadas durante as entrevistas semiestruturadas (dados primários) frente às informações já sistematizadas (dados secundários) e disponíveis na literatura pertinentes à temática da Agricultura Urbana e Periurbana e a prática da Horticultura Comunitária (teoria).

RESULTADO E DISCUSSÃO

A horta orgânica comunitária do Assentamento Mandacaru (Figura 1) surgiu em 2008, a partir da iniciativa de uma liderança sindical da comunidade que buscou junto à Secretaria de Agricultura de Pernambuco (PRO-RURAL) a implantação do projeto “Hortas orgânicas e galpão” na comunidade. A horta era demanda dos agricultores, que já produziam frutas e hortaliças convencionais em lotes irrigados no perímetro, todavia, não tinham nenhuma experiência com produção orgânica. Em parceria com o sindicato dos trabalhadores rurais e técnicos da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco – CODEVASF e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR foram oferecidas capacitações sobre técnicas de produção orgânica. Em 2012, a horta foi certificada pelo Instituto Chão Vivo e passou a comercializar seus produtos como orgânicos.

Figura 1. Horta Comunitária do Assentamento Mandacará, Petrolina-PE. A) Reservatórios para armazenamento de água e galpão. B) Produção de composto orgânico. C) Canteiros produtivos.



Fonte: Arquivos do NUPESA (2014).

Os desafios da transição agroecológica em áreas de assentamentos rurais e, especificamente no caso do assentamento Mandacaru é caracterizado por Freitas et al. (2015) de modo a destacar o importante papel das organizações dos agricultores do assentamento, bem como de um conjunto de iniciativas de apoio no âmbito de organizações de assessoria aos agricultores, especialmente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Petrolina, bem como de instituições públicas no campo do ensino, pesquisa, extensão e desenvolvimento como Serviço Brasileiro de Apoio às Pequena Empresa (SEBRAE), Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA), dentre outras.

A horta foi implantada em uma área de 0,5 hectares localizada na área central do núcleo urbano do assentamento, de modo que atualmente essa conta com 16 famílias envolvidas nas atividades. A horta foi dividida em canteiros, sendo que cada integrante desta tem o direito a explorar um número determinado de canteiros de forma individualizada. As atividades envolvidas na exploração das glebas de canteiros são

realizadas de forma individualizada e de responsabilidade de cada membro integrante da horta, dentre as quais, podem-se destacar a preparação da área, levantamento de canteiros, escolha das espécies a serem cultivadas, plantio e irrigação.

A gestão geral da horta é feita de forma coletiva, o que se observa na compra de esterco, nos gastos com energia, bem como estratégias de comercialização dos produtos e capacitações coletivas. Considera-se que essa forma de organização tem dado certo por respeitar as individualidades de cada um, dando certa autonomia para as famílias, ao mesmo tempo em que permite o trabalho em grupo em no sentido do desenvolvimento coletivo.

A produção da horta é bastante diversificada, sendo cultivadas mais de 20 espécies de hortaliças, incluindo herbáceas, tuberosas, além de plantas medicinais e condimentares. As hortaliças mais produzidas são alface, coentro, cebolinha, couve, pimentão, beterraba, rúcula, tomate cereja, dentre outras culturas que são manejadas de acordo com os princípios da agroecologia em suas práticas. Em relação à água utilizada para produção, a mesma é oriunda do canal do Perímetro de Irrigação Senador Nilo Coelho e atualmente não representa custos para os agricultores. A horta dispõe de dois reservatórios de armazenamento que são reabastecidos diariamente de forma que não falta água para a manutenção da mesma, considerando as dimensões atuais. Entretanto, na avaliação dos agricultores, a demanda por produtos orgânicos tem pressionado a ampliação da horta. Nesse caso, a disponibilidade de água e estrutura de armazenamento não seria suficiente, sendo esta uma limitação para ampliação da produção e mesmo inserção de novas famílias no grupo.

A segunda horta analisada neste trabalho, denominada Hortovale, foi implantada em 2008, e está localizada no terreno da Escola Municipal Professora Luísa de Castro Ferreira e Silva, no bairro João de Deus do município de Petrolina-PE (Figura 2). Surgiu de uma proposta da gestora da escola para os pais de alunos sem ocupação naquele momento, com baixa renda, identificados através de um levantamento preliminar da escola, conforme já havia sido relatado por Farfan (2008). Segundo o autor, o surgimento dessas hortas, na maioria dos casos se dá por iniciativas das escolas públicas localizadas em bairros periféricos dos municípios, como é o caso da referida escola. Os trabalhos iniciais possuíam finalidades pedagógicas, e ao mesmo tempo atraíam pais de alunos em situação de dificuldades socioeconômicas para trabalharem naqueles espaços, com o objetivo de promover alternativa de geração de renda e melhorar a alimentação dessas famílias.

Figura 2. Hortovale no bairro João de Deus, Petrolina-PE. A) Canteiros produtivos. B) Parte do grupo integrante da horta.



Fonte: Arquivos do NUPESA (2014).

Em 2010, o Conselho de Segurança da Agricultura Orgânica (CONSEA Orgânico) de Petrolina declarou que o grupo já podia vender seus produtos para os consumidores como orgânicos. Já em 2012, o Instituto Chão Vivo também certificou o grupo, juntamente com o grupo da horta do Assentamento Mandacaru, fortalecendo o processo de comercialização e trazendo maior divulgação e confiança para o consumidor.

A horta conta com a participação de 10 famílias, representadas por sete mulheres e três homens, que compartilham uma área de aproximadamente 0,5 hectares, de solo predominantemente arenoso, com problemas de salinização. A área é dividida em 160 canteiros, os quais são distribuídos entre as famílias envolvidas na atividade. O número de canteiros para cada família varia de 16 a 32, dependendo da disponibilidade de tempo de cada uma, de forma que toda a área seja aproveitada e nenhum canteiro fique abandonado.

Grande parte da área é ocupada com hortaliças de ciclo curto, sendo que um dos maiores desafios à produção é a ocorrência de pragas. Diversas espécies de insetos e ácaros dificultam a produção de mudas e o estabelecimento das plantas, acarretando, frequentemente, perdas na produtividade. Há períodos em que as perdas chegam a 20% dos canteiros. Dentre as pragas mais problemáticas estão os pulgões e as lagartas. Para amenizar esses problemas, os agricultores pulverizam calda biofertilizante e extrato de *neem* sobre as plantas. Isso garante a colheita das hortaliças quando a incidência dos insetos ainda é baixa. A rotação de culturas também é uma prática utilizada para diminuir o ataque de insetos pragas nos cultivos.

A horta fornece alimentos para a merenda escolar e em troca, a escola disponibiliza a água e espaço para a produção. Quanto à água, os agricultores utilizam água tratada fornecida pela escola. Nunca houve conflito entre as partes envolvidas, porém como é uma atividade que demanda muita água há uma preocupação com os gastos e o consumo consciente.

As incertezas relacionadas à posse da terra, como bem destacam vários trabalhos envolvendo a prática da AUP (ARRUDA, 2006; FARFAN, 2008; ARRUDA, 2011; CASTELO BRANCO; ALCÂNTARA, 2011; MENDONÇA, 2012; FREITAS et al., 2013), se constituem num processo gerador de apreensão pelos diferentes grupos. No caso do grupo Hortovale, essa também é uma preocupação do grupo que ameaça a continuidade das atividades da horta caso a escola venha a demandar a área pela em processos de ampliação futura. Diante dessa perspectiva, os agricultores acreditam haverá algum processo de negociação em relação à implantação da horta em outro espaço, sendo então realocados para outro espaço e que continuarão desenvolvendo suas atividades.

Um aspecto em comum entre as duas hortas analisadas é o manejo utilizado, com destaque para adubação orgânica com esterco, composto e biofertilizantes produzidos com material vegetal oriundo das mesmas. Os agricultores também fazem uso de cobertura morta com restos vegetais, prática que traz muitos benefícios como aumento da retenção e infiltração de água, diminuição da infestação de plantas daninhas, proteção do solo contra os efeitos climáticos (chuva, vento e insolação) e aumento do teor de matéria orgânica do solo. Por outro lado, a utilização de material vegetal infectado com patógenos que sobrevivem em restos culturais, facilita a disseminação dos mesmos para outras culturas.

Em relação ao perfil etário e à questão de gênero, foi possível observar nos dois casos, que a maioria dos agricultores é composta por adultos com mais de 40 anos e predominantemente, mulheres. Esses resultados vão de encontro com as constatações de Farfan (2008), Arruda (2011) e Ferreira (2013). Para Ferreira (2009), nas hortas comunitárias, o papel dos homens resume-se a desempenhar tarefas tidas como pesadas para as mulheres, tais como: construção e manutenção das estruturas dos canteiros, limpeza e preparação da terra para o plantio e transporte. As mulheres, por sua vez, são responsáveis pela colheita, irrigação e embalagem. Entretanto, nas hortas do Assentamento Mandacaru e do Grupo Hortovale

analisadas no presente trabalho, verificou-se que as mulheres se envolvem em todas as etapas de produção, isso porque que algumas famílias são representadas apenas pela mulher no âmbito do grupo.

Outro ponto em comum aos dois grupos estudados é a utilização de mão-de-obra estritamente familiar, sendo que a maioria dos agricultores é proveniente de zona rural de outros estados e municípios da região Nordeste (Pernambuco, Bahia, Piauí, Ceará, Alagoas, dentre outro). Quanto à escolaridade verificou-se que a maioria possui apenas ensino fundamental, havendo alguns casos de agricultores que possuem ensino médio completo.

No caso da Hortovale, atualmente, a horta é a principal atividade da maioria dos agricultores, onde estes investem a maior parte do tempo e de recursos, por isso um dos principais objetivos relatados pelos integrantes do grupo é a geração de renda. Entretanto, relatam também que outra motivação muito importante é saber que estão produzindo alimentos de qualidade e contribuem para uma alimentação melhor da população.

Com relação à comercialização, ambos os grupos são associados à Associação de Produtores Orgânicos do Vale do São Francisco – APROVASF, que conquistou em 2011, com o apoio da CODEVASF, uma banca para vender seus produtos em feira livre. Além deste espaço, os agricultores também acessam o mercado institucional, fornecendo alimentos para o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e para o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE e fornecem hortaliças para a comunidade nos arredores, diariamente. Há agricultores que comercializam também em pontos estratégicos como supermercados e verdurões do município. Através da APROVASF estes grupos ganharam maior visibilidade devido às divulgações em programas de televisão, rádio e em redes sociais na internet.

As hortas comunitárias urbanas e periurbanas assumem importância crucial para as comunidades nas quais estão inseridas, com a utilização racional de espaços, fortalecendo o desenvolvimento e cultura locais, contribuindo para a segurança alimentar e para a melhoria no aspecto socioeconômico das famílias envolvidas (ARRUDA, 2006). No caso das duas hortas estudadas nesta pesquisa, ambas estabeleceram relações de troca e cooperação de modo a se integrar à comunidade do assentamento e do bairro nos quais se inserem. Comportam-se como parte das comunidades e estabelecem relações de compromisso com as mesmas, além de construir uma relação de confiança com os consumidores das próprias comunidades e do município de Petrolina.

De acordo com os agricultores, as pessoas se sentem seguras ao consumir os produtos oriundos destas hortas, principalmente por possuírem o selo de certificação orgânica que imprime maior confiança ao consumidor, garantindo que o alimento foi produzido de forma segura. Atualmente, na percepção dos agricultores do grupo Hortovale, o grupo já está consolidado no processo de transição e reconhecimento da produção enquanto orgânica. Esta percepção advém da relação de confiança estabelecida com grande parte de sua clientela, de modo que muitos dos consumidores nem exigem mais o selo para comprovação da produção orgânica dos alimentos. Além disso, ressaltam que se antes era necessária “a venda de porta em porta”, hoje os consumidores vão até a horta para comprar os produtos.

Pelas narrativas dos agricultores, observou-se que as hortas comunitárias, Hortovale e do Assentamento Mandacaru, representam também espaços de resgate cultural, visto que todos os agricultores são de origem rural e em algum momento da vida desenvolveram atividades agrícolas herdadas de suas origens camponesas. Assim como esses ambientes também se constituem em espaço de lazer e sociabilidade para agricultores urbanos, moradores/consumidores do bairro e da comunidade escolar viabilizando atividades de ensino em diferentes níveis, de troca de experiências e intercâmbio, conforme apontado por Freitas et al. (2013) em trabalho analisando experiência uma experiência de sucesso com a implantação de “Horta Escolar Agroecológica” em escola da rede municipal de Petrolina.

Para Almeida (2004) e Arruda (2011), a origem rural ajuda no manejo das hortas, entretanto, há necessidade de capacitação em temas como compostagem, planejamento da produção, armazenamento de sementes, manejo do solo, alelopatia, podas, enxertia, controle da erosão e de insetos e doenças para que possam ter maiores rendimentos na produção. No caso de ambos os grupos envolvidos, tais processos de capacitação viabilizados pelos parceiros foram fundamentais no processo de transição agroecológica e consolidação de ambos os grupos enquanto referências em AUP em no município de Petrolina e suas adjacências.

De modo geral, os agricultores relatam que o consumo de verduras aumentou com a implantação da horta orgânica, o que contribui para a segurança alimentar das famílias. O consumo de verduras e legumes fornece vitaminas A, do complexo B, e vitamina C (FILGUEIRA, 2008), o que possibilita uma alimentação de qualidade para as famílias envolvidas nas iniciativas das hortas. A atual demanda por alimentos saudáveis por parte da sociedade sugere que a agricultura urbana e periurbana tende a crescer no município. Esse cenário de crescimento aponta para a importância da atividade no abastecimento das cidades. Porém, ainda há necessidade de acesso à assistência técnica especializada em agroecologia e ao crédito para manutenção desta atividade tão importante para o desenvolvimento sustentável das cidades.

Os agricultores das duas hortas apontam esta atividade como fundamental para o desenvolvimento coletivo do grupo da horta comunitária, a melhoria da qualidade de vida das famílias por meio da produção e do consumo de alimentos de qualidade e para geração de renda para as famílias. Destacam ainda que o reconhecimento da importância do trabalho desenvolvido por eles por parte da sociedade é uma gratificação do esforço aplicado e motivação para continuidade do trabalho.

Assim, a agricultura urbana e perirubana é uma atividade com elevado potencial para geração de trabalho e renda no município de Petrolina-PE. Entretanto, essa é desenvolvida num ambiente de alta vulnerabilidade social na medida em que não há iniciativa pública no sentido de apoiar e regulamentar o uso e ocupação de terrenos públicos e privados.

Para isso, fazendo-se necessária a elaboração de políticas públicas que garantam a sua segurança territorial com vem apontando estudos no sentido de construção da Política Nacional de Agricultura Urbana articulados com ações já previstas em outras políticas como a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (ENA, 2014). A água é outro fator limitante para o desenvolvimento e expansão da atividade no município.

CONCLUSÃO

As hortas comunitárias, enquanto espaços socioprodutivos, constituem um espaço de resgate cultural para os agricultores oriundos de zona rural e têm importância fundamental na segurança alimentar e qualidade de vida das famílias envolvidas e da comunidade como um todo, uma vez que são espaços de sociabilidade, geram renda e disponibilizam alimentos saudáveis para a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. Agricultura urbana e segurança alimentar em Belo Horizonte: cultivando uma cidade sustentável. *Agriculturas*, v. 1, p. 25-28, 2004.

AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L. de. Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia. *Ciência e Sociedade*, v. 1, p. 137-150, 2007.

ARRUDA, J. **Agricultura urbana e peri-urbana em Campinas/SP**: análise do Programa de Hortas Comunitárias como subsídio para políticas públicas. Campinas, 2006, 165p. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000413310>> Acesso em: 28 nov. 2016.

ARRUDA, J. **Agricultura urbana na região metropolitana do Rio de Janeiro**: sustentabilidade e repercussões na reprodução das famílias. Rio de Janeiro, 2011, 197p. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://r1.ufrrj.br/cpda/wpcontent/uploads/2012/07/Tese_Juliana_Arruda_20111.pdf> Acesso em: 28 nov. 2016.

CAPORAL, F. R. et al. **Agroecologia**: uma ciência do campo da complexidade. Brasília, 2009, 111p.

CASTELO BRANCO, M.; ALCÂNTARA, F. A. Hortas urbanas e periurbanas: o que nos diz a literatura brasileira?. **Horticultura Brasileira**, v. 29, p. 421-428, 2011.

COUTINHO, M. N. **Agricultura urbana**: práticas populares e sua inserção em políticas públicas. Belo Horizonte, 2010, 205p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MPBB-87YHD5>> Acesso em: 27 nov. 2016.

ENA- ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA 3., 2014, Juazeiro, BA. **Carta política**. Rio de Janeiro: Articulação Nacional de Agroecologia – ANA, 2014. Disponível em: <http://www.agroecologia.org.br/files/importedmedia/anais-do-iii-encontro-nacional-de-agroecologia-ena.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2014.

FARFAN, S. J. A. **Diagnóstico de hortas comunitárias no dipolo Juazeiro – BA e Petrolina – PE**: perfil e demandas de pesquisas. Juazeiro-BA, 2008, 105p. Dissertação (Mestrado em Horticultura Irrigada) - Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro-BA, 2008. Disponível em: <<http://www.horticulturauneb.com.br/index.php/k2-showcase/dissertacoes-ano-2008/7-dissertacao-silver-jonas-alves-farfan-2008/file>> Acesso em: 25 mai. 2016.

FERREIRA, R. J. **Agricultura na cidade de Recife-PE**: Complementaridade rural-urbanas e dinâmica espacial. 2009. 159p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: <http://agriculturaurbana.org.br/textos_imagens_sitios/AU_RECIFE_RUBIO_FERREIRA.pdf> Acesso em: 25 nov. 2016.

FERREIRA, R. J. **Agricultura urbana e periurbana e políticas públicas**: contribuição à discussão do tema a partir de uma análise espacial em Recife e Vitória de Santo Antão/PE. 2013. 231p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em: <https://www.ufpe.br/posgeografia/images/rubio_jose_ferreria_tese.pdf> Acesso em: 01 dez. 2016.

FILGUEIRA, F. A. R. **Novo Manual de Olericultura**: agrotecnologia moderna na produção e comercialização de hortaliças. 3. ed. Viçosa: UFV, 2008. 421p.

FREITAS, H. R. et al. Horta escolar agroecológica como instrumento de educação ambiental e alimentar na Creche Municipal Dr. Washington Barros – Petrolina/PE. **Extramuros**, v. 1, n. 1, p. 155-169, 2013.

FREITAS, H. R. et al. Análise da Transição Agroecológica a partir da Experiência da Horta Orgânica Comunitária do Assentamento Mandacaru, Petrolina-PE, Semiárido Brasileiro. **Extramuros**, v. 3, p. 65-84, 2015.

LOPES, P. R.; LOPES, K. C. S. A. Agricultura urbana ecológica: a experiência de Cuba. **Agriculturas**, v. 9, p. 39-41, 2012.

MENDONÇA, M. M. de. Semeando Agroecologia nas Cidades. **Agriculturas**, v. 9, p. 4-5, 2012.

MONTEIRO, J. P. R.; MONTEIRO, M. S. L. Hortas comunitárias de Teresina: agricultura urbana e perspectiva de desenvolvimento local. **Revista Iberoamericana de Economia Ecológica**, v. 5, p. 47-60, 2006.

RIBEIRO, S. M. **Agricultura urbana agroecológica sob o olhar da promoção da saúde: a experiência do projeto colhendo sustentabilidade – Embu das Artes – SP**. 2013. 237p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6135/tde-03072013-114502/pt-br.php> Acesso em: 27 nov. 2016.

RICARTE-COVARRUBIAS, J. D. et al. Segurança alimentar através da agricultura urbana: um estudo de caso em duas comunidades de baixa renda em Porto Ferreira/SP. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 6, p. 62-80, 2011.

SELLTIZ, C. et al. **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais**. São Paulo: Editora Herder e Editora da Universidade de São Paulo, 1967. 688 p

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo, Atlas, 1987.